

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varela

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Mauricio Dinepi

Ação imediata

Já não é mais possível atacar a crise que assoberba o País mediante aplicação de medidas recolhidas no arsenal da ortodoxia econômica. De tal forma se manifesta incontrolável a evolução dos acontecimentos, sobretudo depois que a inflação escalou a casa dos 24 por cento, que as soluções devem ser buscadas fora das dimensões tradicionais. Não interessa saber, a esta altura, a natureza das fontes doutrinárias em que poderiam escudar-se eventuais diretrizes para a correção da anomalia, senão ministrá-las com obstinação e severidade.

Por meio do controle do déficit público, o Governo gastou energias preciosas inutilmente, eis que as disfunções do sistema econômico, em especial no plano financeiro de responsabilidade oficial, não só permanecem como se agravam a cada instante. As próprias autoridades da área econômico-financeira reconhecem que, apesar de todos os esforços realizados e dos compromissos assumidos com o fundo Monetário Internacional, não será possível reduzir este ano a quatro por cento do Produto Interno Bruto os passivos das contas oficiais.

Algumas deformações de ordem estrutural seguramente colocam-se na raiz das gravíssimas dificuldades atuais. Pouco adianta, porém, localizar no endividamento interno, hoje ao redor do mesmo valor da dívida externa algo em torno de 113 bilhões de dólares), uma das causas essenciais da

crise. Como também restará inócuo apontá-lo como resultante da política perulária de empréstimos externos, praticada no passado recente, cujo perfil se resume nos encargos financeiros que o Brasil está longe de suportar sem graves turbulências.

Ao longo da atual experiência administrativa, todos esses aspectos têm servido tanto para o consumo de um vasto debate, de regra sem proveito algum, como para adoção de medidas que, embora tomadas com oportunidade e bom-senso, até agora se revelaram estéréis. Enquanto isso, a Nação permanece perplexa, as poupanças privadas seguem o rumo da especulação aberto pelo processo inflacionário, cessam os investimentos em empreendimentos produtivos por causa da incerteza sobre o futuro e, finalmente, instalam-se o desânimo e a letargia.

Há fundadas razões para acreditar que a recessão, com sinais já emitidos nas taxas de desemprego em São Paulo, ameaça a economia nacional com o seu cortejo de desgraças. Urge, pois, partir para a orquestração de providências heróicas, não importa se dentro ou fora dos padrões oferecidos pela ciência econômica, ou coerentes ou não com as doutrinas monetárias vigentes. Do jeito que a situação se encontra, o importante é enfrentá-la com energia, firmeza e obstinação, através de instrumentos efetivos e adequados.